

BRASIL-PORTUGAL

Fundador — Augusto de Castilho.
DIRECTORES — Jayme Victor e Lorjô Tavares.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*.
EDITOR — Manoel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE MAIO DE 1912

N.º 319

FAMILIA REAL HESPAÑHOLA



Ultimo retrato da rainha Victoria com sua filha a pequenina infanta Maria Christina

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de maio de 1912

MAIO

LIVROS DE POETAS

José Coelho da Cunha — Alberto Monsaraz

TERRA de Portugal! Terra de soll! Maio, mez de flôres, de sorrisos e de jubilos! Tu, que tens o condão de reverdecer os campos, de espalhar por toda a natureza symphonias de luz e de côr, tu que lembras e evocas tantas coisas bellas, revela-te no teu poder supremo: o de apagar da nossa retina escandalizada tantas coisas tristes. Embora dure pouco a illusão, sepulta no esquecimento as negruras d'estes dias, o desolador espectáculo que está offerecendo lá fóra e cá dentro a vida dos portuguezes. Mez dilecto dos pantheistas, formosissimo mez das paisagens côr de rosa, fortalece se é possível, com as lagrimas choradas pela alma nacional, a seiva dos teus campos, a terra bemdita dos teus jardins; e das humilhações soffridas, do fel esverdeado, das silenciosas amarguras, das intimas revoltas, dá-nos a desforra magnifica em caudaeas de rosas, de lilazes, de cravos, de papoilas, e de glycinias, em canções de rouxinoes, em murmurios de fontes, em fecundos raios de sol, em amendoeiras floridas, em ternos idyllos, em todos os folgares e risos da natureza em festa, ressuscita Anacreonte, reergue no seu pedestal forrado de heras o velho Pan, o odio que separa os homens transforma-o no amor que fertilisa a natureza, levanta os corações, purifica os cerebros, areja as almas, faz-nos... esquecer.

Terra de Sol— disse eu ha pouco, sem reparar que commettia um plagiato, sem me lembrar de que tenho deante de mim um livro de versos, que esse livro tem aquelle titulo, e que o dono do titulo e do livro é JOSÉ COELHO DA CUNHA.

E aqui me teem, meus caros amigos, pelo mais natural pendôr do espirito, a falar de versos em mez de flôres.

Bemditos os poetas, bemdita a mocidade, que teem o poder de illuminar pelo coração, e de mostrar, pelo sentimento, que a Vida seria bella, que a Alma cantaria victoria, se tantas torpesas não alastrassem, se tanto lôdo não escorresse da miseria humana!

Elles não. Os poetas, como José Coelho da Cunha, são apenas fascinados pelo prisma da belleza. Nelles a mocidade é redemptora e clemente, elles filiam na cruel cegueira do Destino todo o mal que os homens fazem. No coração bem formado não teem espaço ainda para as indignações nem para as revoltas, porque os primeiros attrictos lima-os e dulcifica-os a bondade nativa, que desabrocha singelamente como a flôr, e toda se desentranha em frementes vibrações de poesia. E' a mocidade que triumphá, é o Espirito, não envolto ainda na tumultuosa engrenagem da Vida, que fita, de frente, a natureza maravilhosa, que aspira os seus effluvios, que ergue hosanas ás suas glorias, que com a sua alma se identifica, se funde na sua essencia, se inebria nas suas paisagens, nella se consubstancia e para ella vive. E quando o espirito dos poetas moços se volta para a Sociedade, para a Humanidade, não se abre naquelles anathemas, naquella indignação que, tantas vezes e com tanta justiça, expluem dos labios ou da penna do critico ou do philosopho, mas todo elle se traduz em anceios e aspirações, é todo elle um desejo e uma supplica, uma tendencia para o ideal, uma fé ardente no futuro, uma convicção absoluta de que deve ser mais bello, mais puro, mais nobre do que o dia de hoje o dia de amanhã.

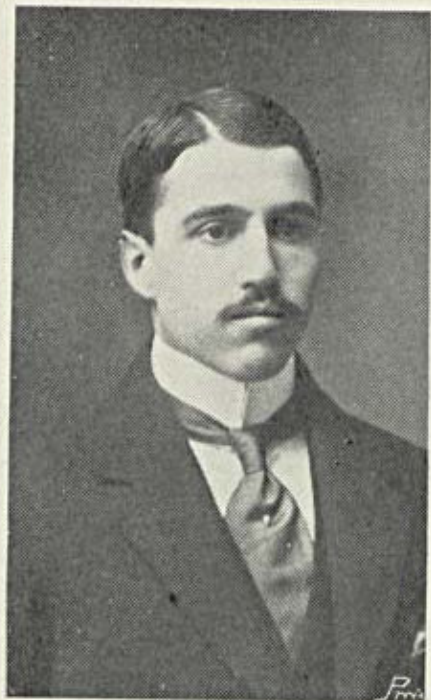
Não é outra a impressão que nos deixa a leitura dos lindos versos de José Coelho da Cunha. Aquillo sim, aquillo é poesia, poesia como os desanove annos a sentem, toda ella cheia de coração, singela como a Bondade, espontanea como a natureza, limpa e sonora. Todos estes predicados a caracterisam, mas ha outro que a todos sobreleva: é um entranhado, um sincero amor, pela patria portugueza. E' mais que o canto de um poeta, é o sentir de um portuguez. E' a patria que estúa e palpita na veia

rythmica d'esses versos. E' a querida, a formosa terra de Portugal, com os seus *Sinos*, com os seus *Bois*, com as suas *Lavadeiras*, com a sua *Noite Santa*, com os seus *Moinhos*, com as suas *Braseiras*, com os seus *Choupos*, com as suas *Papoilas*, com as suas *Giestas*, com a sua *Toada do Rio*, com o seu *Fado*, com os seus amôres, com tudo isso espalhado por encantadoras redondilhas e impeccaveis decasyllabos, e resumido isso tudo, por fim, no ultimo poemeto, que se chama *Portugal*, e adiante reproduzo, pedindo ao poeta da *Terra de Sol* me releve esta incorrecção, que sou o primeiro a confessar: arrancar do escritorio, sem permissão sua, uma joia, e offerecê-la aos leitores da minha Revista. Seja minha desculpa o não ter podido vencer o desejo de mostrar que em Portugal, nestes dias de desillusões e amarguras, só a mocidade tem o suave poder de fundir no culto da arte o culto da patria.

Outro poeta tenho na minha frente: ALBERTO MONSARAZ. Com uma penhorante dedicatória trouxe-me hontem o correio de Paris a sua ultima produção em verso: *Elegia dos Reis*.

Observação curiosa e extranha, mas verdadeira: Cunha e Monsaraz, que devem ter a mesma idade, teem flagrantos pontos de similhaça, não na fórma poetica, porque cada um firma a sua individualidade, mas no pensar e no sentir. Simplesmente um desalento avassalador penetrou a alma do ultimo. As coisas mais bellas d'este bello paiz tambem elle já as cantou com a alegria e a inspiração da mocidade. Na sua lyra moderna, que tem imprevisos e notas originaes, tambem a corda do amor vibrou intensamente, emquanto a natureza fez desferir nas outras os seus canticos d'alegria.

A *Elegia dos Reis*, porém, é um canto quasi funebre. E' o brado sentido de uma alma penetrada por todas as desillusões. E' uma evocação historica do Portugal dos antigos Reis, do Por-



José Coelho da Cunha
Auctor do livro «Terra de Sol»

tugal que fez as conquistas e as navegações, que viu florir os trovadores e menestres, é a

*Terra audaz de guerreiros e mareantes
Ilhas, lendas, imaginarias rôtas...*

Longe da patria, o poeta sente as amarguras do presente, e exteriorisa-as nestas quadras sentidas que rematam o valioso poemeto:

Sou filho modestissimo do povo,
Tradições, não as tenho no meu lar;
Mas como eu me revolto e me commôvo,
Ao ver todo um passado a desabar!

Nação de bravos, terra de aventuras,
Morta ao peso de maguas infinitas;
Nome do meu paiz, já não fulguras...
Valente coração, já não palpitas...

Dispersam-se esquadroes, quebram-se lanças,
E' o principio tragico do fim:
Vão-se na aurora as ultimas esperanças,
Com os ultimos toques de clarim!...

O' desditosa Patria minha amada,
Epopeia do Povo e da Realeza,
Não tens Reis, não tens Povo, não tens nada...
Quebrou-se o encanto, Patria portugueza!

Outubro de 1910.

Espirito humano, como tu és profundamente contradictorio!
Como o Destino impéra soberanamente sobre os teus designios e a tua vontade! Comecei esta chronica por festejar, e exaltar o florido Maio, intercedendo junto d'elle, pelo Esquecimento, supplicando-lhe que apagasse da nossa memoria e da nossa retina os espectaculos tristes dos dias que correm. E para enganar a propria imaginação evoquei as musas dos poetas. Evoquei as canções do amor. Evoquei os triumphos da mocidade.

E chego ao fim reproduzindo, quasi sem dar por isso, instinctivamente, singelamente, um brado de desalento, uma expressão de amargura, que sae não dos labios tremulos de um velho mas do coração ardente de um moço. E sou então levado a reconhecer que me enganei, que são inuteis todas as evocações, que maio perdeu o encanto, perdeu a coragem a alma portugueza, e que até a poesia e a mocidade perderam... a esperança.

JAYME VICTOR.

PORTUGAL

Portugal, terra bem dita,
Paiz de rios e serras,
Ha no mundo muitas terras,
Mas nenhuma tão bonita.

Portugal, meu Portugal,
Onde nasceu minha mãe,
Tu, que fazes tanto bem,
Só tens quem te queira mal!

Portugal, terra de sol
E berço dos meus amores,
Onde milheiros de flores
Nascem a cada arrebol!

Portugal dos rosmaninhos,
Das urzes, das violetas
Bordando os velhos caminhos,
E's um ninho de poetas!

Terra de lindos poentes,
Toda amor e comoção,
Não vês, Portugal, não sentes?
Levaram-te o coração.

Portugal da minha aldeia
Com uns sinos a tocar!
Ella talvez seja feia,
Mas a mim faz-me chorar.

Portugal das lindas fontes
Com as moças a cantar,
Portugal da beira-mar,
Do Minho e de Traz-os-Montes,

E o teu hymno suave e triste
— Tão triste e tão malfadado
Como outro igual não existe —
O teu hymno é o teu fado.

Coimbra, Torre d'Anto — Dezembro de 1911,
(Da Terra de Sol).

Onde estás, que te não vejo,
Com os rios e ribeiras
E essas bellas lavadeiras
Do Mondego, Douro e Tejo?

Pede á tua gente bôa
Que veja se a outra muda,
Pede-lhe a ver se te ajuda,
Que ella talvez se condôa.

E eu hei de ver-te feliz,
Hei de te ver grande e forte,
Sem que receies a morte,
Meu bom, meu lindo paiz!

Tudo em ti sorri e canta
Frescos madrigais de amor,
Terra de luz e de côr,
Que tanto, tanto me encanta!

Portugal, meu Portugal,
Onde são as cotovias
Com seu canto matinal
Que fazem nascer os dias!

Tu és a terra do sol
E das noites de luar,
Onde trina o rouxinol
E ha guitarras a chorar.

E são as almas do povo
As cordas dessa guitarra,
D'onde um ai que se desgarrar
Tem sempre um encanto novo.

Portugal, terra bem dita,
Paiz de rios e serras,
Ha no mundo muitas terras,
Mas tu és a mais bonita!

JOSÉ COELHO DA CUNHA.

O eclipse do sol em 17 de abril de 1912



Algumas das phases do eclipse em Lisboa

Às 11^h,17^m,4^s

Às 11^h,21^m,5^s

Às 11^h,38^m,1^s

A natureza forneceu-nos mais una vez o ensejo de observarmos um espectáculo soberbo, cujos attractivos sendo grandes para os sabios não são menores para os simples mortaes que da sciencia astronomica só possuem aquellas noções vagas que na escola se aprendem.

Hoje, que estes phenomenos já não inspiram aquelle terror d'outros tempos, o espectáculo não deixa no entanto de ser impressionante, muito especialmente quando chega ao seu auge, quando a sombra se nos mostra diferente, a claridade azulada, luarenta, e a atmosfera baixa produzindo um frio intenso.

Então, uma observação occorre: se ficassemos sempre assim?!

Mas não, instantes depois, a lua, o dragão que queria devorar o sol, como pensam os chinezes, passa, e o astro rei brilha de novo com todo o seu esplendor, aquecendo a terra e fazendo passar aquella impressão que quasi todos sentem e que tem o seu tanto ou quanto de tristeza. Nota-se n'esse momento a regularidade mathematica com que tudo se passa lá por cima e o notavel avanço que tem tido a mais antiga das sciencias — a astronomia — e, enquanto uns, os espiritos fortes, apontam o facto, frisando a exactidão dos calculos scientificos, os outros, os crentes, esses consideram que é ainda muito pouco o que se sabe do muito que existe feito e, não podendo conceber uma criação sem um creador, prestam o devido culto á sciencia, mas continuam a inclinar-se perante Deus.

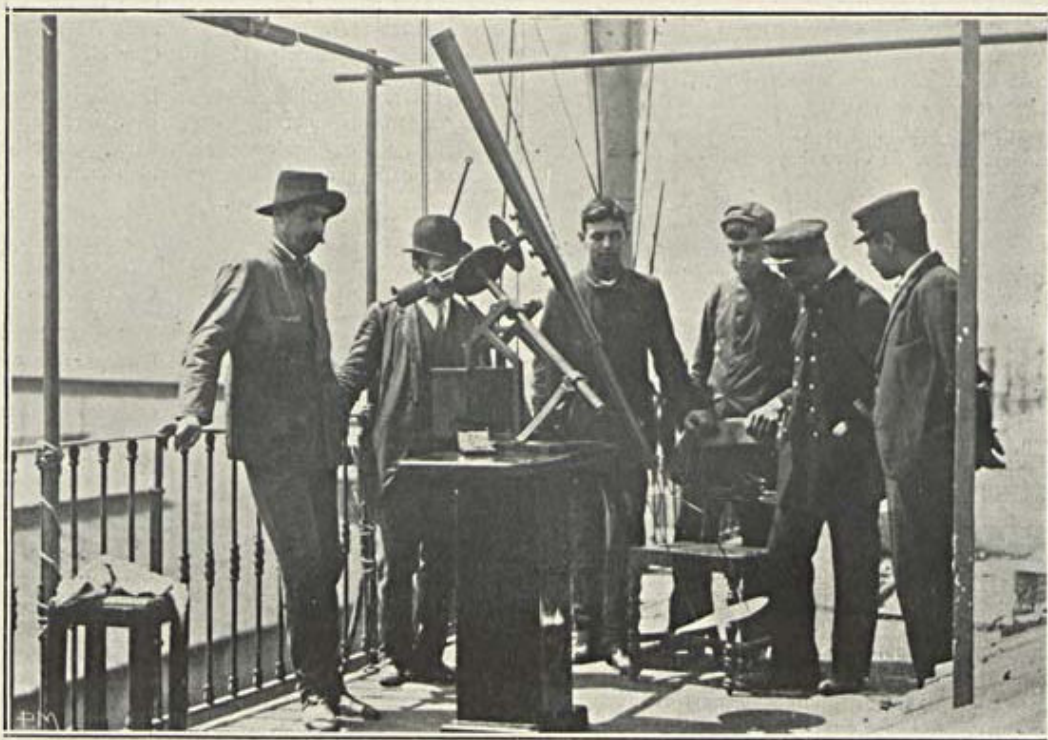
Do interesse que o phenomeno despertou entre nós podem os leitores avaliar pelas photographias que seguem e onde se nota de tudo; sabios e profanos, nobres e plebeus, mulheres e homens, todos deixaram de olhar a terra e passaram, por momentos, a observar com melhores ou peores instrumentos o que se passava lá por cima. Foi um descanço momentaneo para a politica.

Fernão Mendes Pinto

As aventuras d'este celebre portuguez do seculo XVI são tão extraordinarias que quem lê as *Peregrinações* não pôde furtar-se á impressão de estar lendo algum capitulo das *Mil e uma noi-*

Porisso elle passou durante muito tempo por um refinadissimo mentiroso e os seus contemporaneos transformaram o seu nome por um calembourg de mau gosto em *Fernão mentes? minto*.

Viajantes que, mais tarde, percorreram algumas das regiões por elle descriptas, vieram porém confirmar que, não só Fernão Mendes Pinto não era um mentiroso, mas bem pelo contrario um



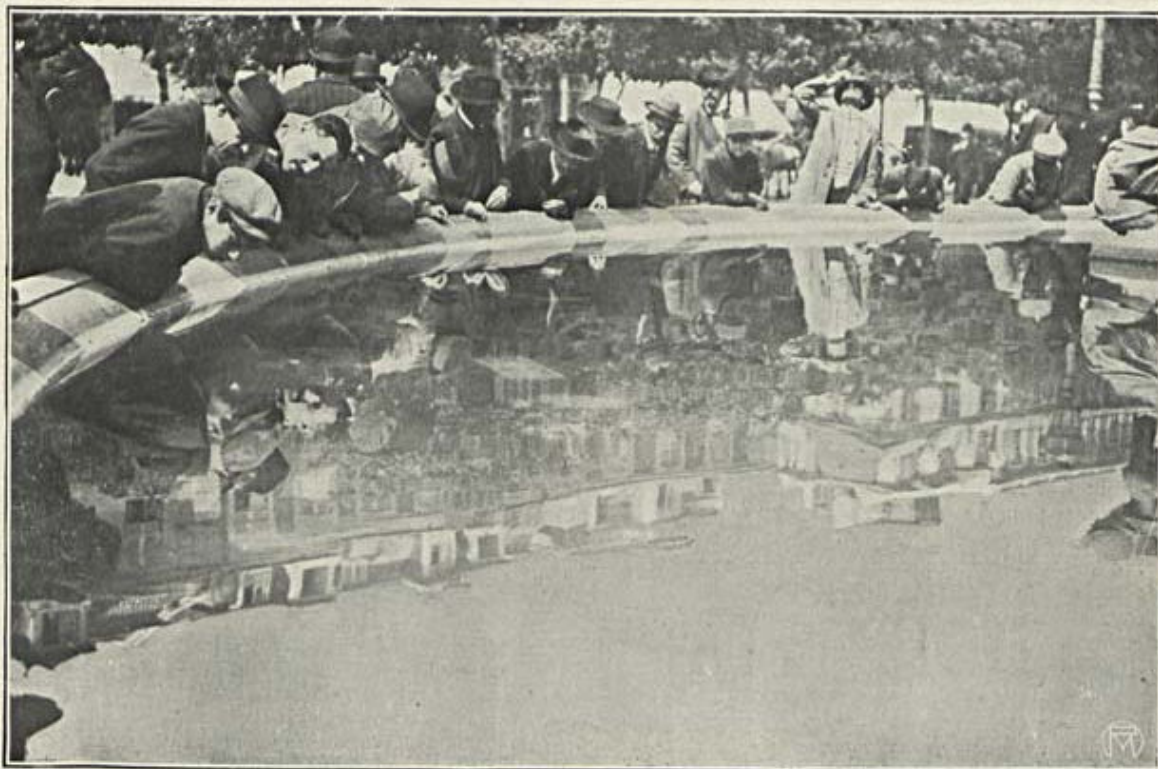
O eclipse do sol — O aparelho equatorial que serviu para as observações feitas no Arsenal da Marinha

(Phot. de A. C. Lima)

tes, tão inacreditavel parece que um homem pudesse soffrer tantas contrariedades, tantos infortunios e contratempos, sem nunca esmorecer, sem nunca se lhe abater o animo.

observador minucioso e intelligente que transmittiu aos vindouros uma nota impressiva, nitida, clara e verdadeira de tudo quanto vira.

As *Peregrinações*, livro onde elle contou toda a sua vida



O eclipse do sol — Em volta dos lagos do Rocio — Observando na agua o reflexo do sol

(Phot. de ...)

aventurosa de 21 annos passados no Oriente, são uma das mais bellas reliquias da nossa abundante litteratura, escriptas n'um estylo incomparavel, correcto, conciso, pittoresco e florido. Livro de mais agradável leitura e mais interessante, não ha-de ser facil encontrar em qualquer litteratura do mundo. N'elle se encontra de

Nos 21 annos que vagueou pela India, China, Japão e Sião, naufragou muitas vezes; treze vezes ficou prisioneiro de povos barbaros ou selvagens, e dezasseis vezes foi vendido como escravo.

Sahido do nada, pois era filho de gente humilde e pobre e até



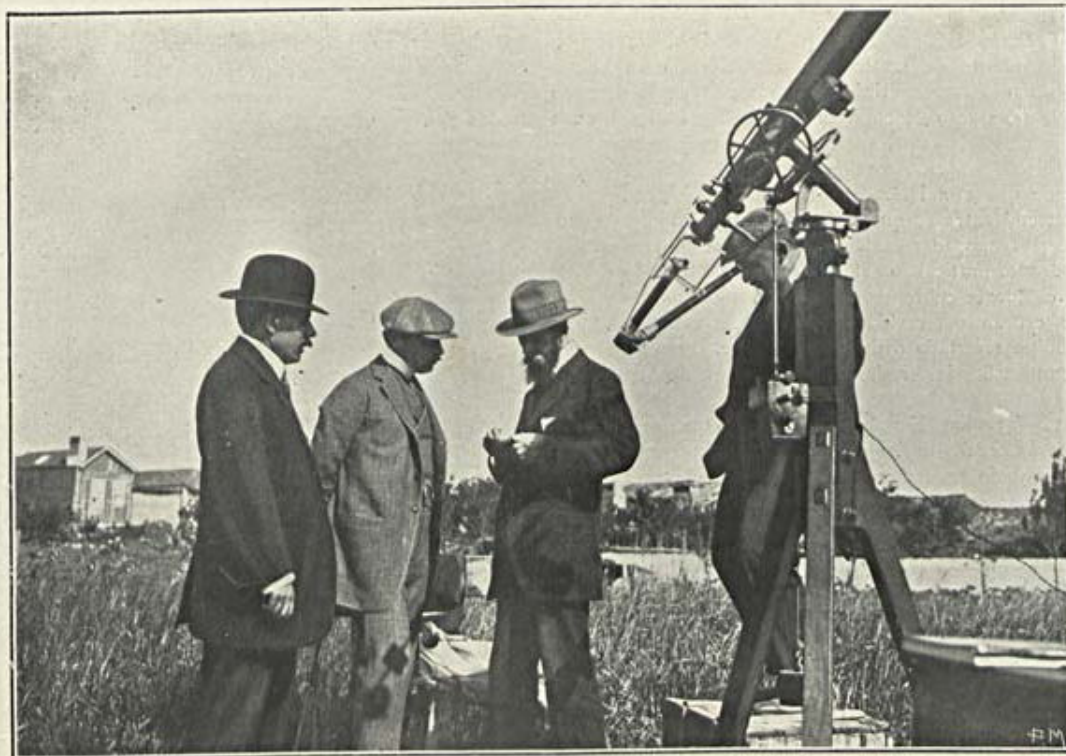
O eclipse do sol — *A missão portugueza* — O dr. Costa Lobo preparando o telescópio



O eclipse do sol — *Nas ruas de Lisboa* — Amadores de ambos os sexos observando o phenomeno

tudo, desde a epopeia completa, cortada dos mais palpitantes e imprevistos episodios, até á descripção de regiões completamente desconhecidas n'aquelle tempo, de usos, costumes e religiões de povos igualmente desconhecidos, de mistura com o estudo da sciencia

foi durante alguns annos creado de servir, o illustre aventureiro e primoroso escriptor é um dos mais frisantes exemplos do quanto pôde uma lucida e brilhante intelligencia ao serviço d'uma vontade tenaz e d'uma coragem persistente.



O eclipse do sol — O dr. Costa Lobo e os srs. Pierre Lalet, astrónomo francez, e dr. Donitch, chefe da missão russa

(Phot. de * * *)

cia de governar e maximas philosophicas puras e sãs, expostas modestamente, sem affectação, nem pretensões.

Audacioso, intelligente e perseverante, Fernão Mendes Pinto é o prototypo do espirito aventureiro dos portuguezes d'aquelle tempo glorioso.

Não lhe soffrendo o animo a perspectiva de vegetar toda a vida no mister de creado de servir, embarcou para a India em 1537, aportando a Diu, e, seguindo logo d'ali para o estreito de Bab-el-Mandeb, mettu-se pela Arabia dentro, passou depois á Abyssinia, commerciando sempre.

Quando regressou á Índia, foi aprisionado pelos turcos, andou feito escravo, vendido e revendido, até que uns mercadores christãos o resgataram, levando-o para Ormuz, d'onde seguiu para Chaul e depois para Malaca com Pedro de Faria. Este, apreciando a sua intelligencia, encarregou-o de algumas missões diplomaticas de que elle se sahio como era de esperar da sua finura e bom

dois japonezes que comsigo trouxera, e que S. Francisco Xavier converteu ao catholicismo, prestando-lhe elles mais tarde inestimaveis serviços, quando o santo jesuita foi exercer o seu apostolado no Japão. Chegado a Góá, pouco tempo parou Fernão Mendes Pinto, pois em breve partia para o archipelago de Sonda e para o reino de Sião, voltando a Góá tempo depois.



O eclipse do sol — Os astrónomos inglezes em Macedo, proximo de Ovar, onde, segundo affirmam, o eclipse foi total

senso. No desempenho d'umas dellas foi novamente preso, valendo-lhe d'esta vez um mercador moiro que o resgatou e levou para Malaca onde o receberam festivamente pois já o julgavam morto.

A vida de Fernão Mendes Pinto passa-se, d'ahi em diante, n'uma serie ininterrupta de naufragios, captiveiros e aventuras qual d'ellas a mais extraordinaria. N'uma d'essas cahiu de novo em poder dos piratas que o despojaram de tudo, assim como a um feitor de Antonio de Faria que levava comsigo uma grande quantia em dinheiro. Este jurou reaver-se do roubo soffrido pelo seu feitor de que afinal fôra a verdadeira victima, e, juntando 55 homens entre os quaes Fernão Mendes Pinto, empreendeu uma famosa campanha de piratas nos mares da China e do Japão, praticando actos de bravura, atacando e conquistando cidades e cobrando contribuições e commetendo actos de crueza e ferocidade inauditas e actos de pirataria que indignaram todo o Extremo Oriente, como foi o roubo dos tumulos dos imperadores da China na ilha de Catemply.

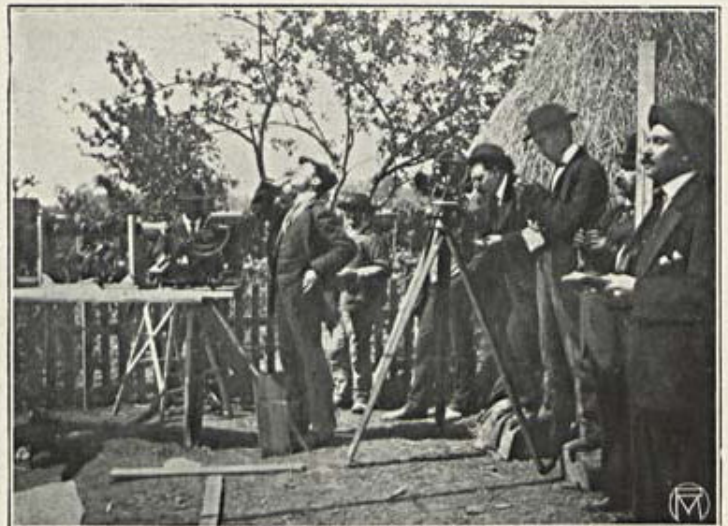
Depois d'estas façanhas, Fernão Mendes Pinto, que n'ellas tomara parte ás ordens de Antonio de Faria, naufragou mais uma vez, cahindo prisioneiro em poder dos chinezes que o levaram e aos seus companheiros para Pekin, onde foram todos feitos escravos.

Pôde imaginar-se a vida de soffrimento d'esses homens reduzidos á dura condição de escravos e isolados no coração da China que ainda hoje, em pleno seculo xx, não é moradia segura para os europeus.

Sobreveio entretanto a invasão dos tartaros que, derrotando os chinezes, pozeram em liberdade os escravos portuguezes, tanto mais que um d'elles, chamado Jorge Mendes, foi de util conselho junto de um dos generaes invasores, auxiliando-o na tomada de uma praça, pelo que os tartaros reconhecidos os deixaram partir para a Cochinchina em companhia de um embaixador que a este paiz enviaram. Pelo caminho porém succederam-se os contratemplos e as aventuras e Fernão Mendes Pinto foi, com dois dos seus companheiros, Diogo Zeimoto e Christovam Borralho, parar ás costas do Japão, sendo o primeiro europeu que aportou áquelle imperio e d'elle trouxe circumstanciadas informações.

De regresso á Índia, encontrou-se em Malaca com S. Francisco Xavier ao qual se ligou por intima amizade e a quem entregou

Fernão Mendes Pinto era já então muito rico e decidiu regressar enfim a Montemór-o-Velho, sua terra natal. Emquanto porém esperava oportunidade de partida, ia todos os dias ao collegio dos jesuitas saber noticias do seu amigo ausente, S. Francisco Xavier, e receber as cartas que elle para ali lhe endereçava. Logo que os jesuitas souberam quem elle era, e de que avultados cabedaes era possuidor, não o largaram mais e, lisongean-do, acari-



O eclipse do sol — A missão portugueza — O sr. Greenfield de Mello fazendo observações

(Phot. de ...)

ciando-o e interessando-se immenso pela narração das suas aventuras, cercaram Fernão Mendes Pinto de tantas atencões e affectos que elle já quasi não sahia do collegio. N'aquella atmospha amavel o illustre viajante ia abstrahindo a pouco e pouco das suas aventuras e das suas relações mundanas para todo se entregar fervorosamente á adoração de Deus. A noticia inesperada da morte

do seu amigo S. Francisco Xavier foi para elle um rude golpe, e a pompa das cerimoniaes religiosas com que o cadaver foi recebido em Góa fizeram no seu cerebro enervado fundissima impressão. Os padres, vendo-o quasi no ponto desejado, levaram-no para uma capella isolada n'uma ilha a pequena distancia da capital da India e ahi passou alguns dias n'uma doce e meditativa contemplação da magestade divina. Aproveitando o ensejo, os jesuitas renova-



O eclipse do sol — Em Ovar — A sombra 10 minutos antes da totalidade

ram os seus votos e então Fernão Mendes Pinto, que assistia á cerimonia, succumbiu, e em convulsivo choro começou a gritar que queria entrar para a companhia e dar-lhe todos os seus bens. Não deixaram os padres arrefecer aquelle entusiasmo doentio e logo ali lhe fizeram pronunciar os seus primeiros votos.

Entretanto organisava-se uma missão jesuitica encarregada de continuar no Japão a obra de S. Francisco Xavier e Fernão Mendes Pinto decidiu acompanhá-la. Sabendo d'isso, o vice-rei D. Affonso de Noronha quiz aproveitar a occasião e o homem e pediu ao illustre aventureiro que se encarregasse d'uma determinada missão diplomatica n'aquelle paiz junto do daimio do Bungo. Fernão Mendes Pinto acceptou e, em consequencia d'isso, foi resolvido que só envergaria roupeta jesuitica, quando fosse terminada essa missão. Doou os seus bens á companhia, reservando alguns para os seus parentes, e partiu. Mas ou porque a viagem lhe despertasse o seu espirito naturalmente aventureiro, ou porque, fóra da atmospheria do collegio de Góa, tão propria para lhe obscurecer o espirito, elle recuperasse a sua natural perspicacia e visse finalmente claro nas manobras dos padres, o que é certo é que passado o anno de 1555 no Japão e terminada a sua missão, não houve maneira de o convencer a pronunciar os votos definitivos. Recusou-se a isso obstinadamente. Pois a companhia não se poupou a esforços e a artimanhas para tornar a prender nas suas rédes o intrepido viajante; e, vendo que resultavam inuteis todas as suas tentativas, perseguiu-o d'ahi por diante com o seu odio feroz que n'aquelle tempo era muito para temer. A prova d'isso teve-a logo Fernão Mendes Pinto que recolhendo ao reino em 1558 esperou inutilmente, durante quatro annos e meio, a recompensa requerida pelos seus grandes e valiosissimos serviços no Extremo Oriente, até que, desanimado, desistiu da pretensão e foi viver para Almada, escrevendo o seu famoso livro *Peregrinações* que, na sua modestia, nem sequer destinava á impressão, pois elle mesmo declara que o escrevera apenas para servir de cartilha a seus filhos. O illustre escriptor morreu em 1580 e as *Peregrinações* impressas só em 1614 constituiram o maior successo litterario do tempo e foram successivamente traduzidas em hespanhol, francez, inglez e alemão.

Tal foi Fernão Mendes Pinto, do qual infelizmente não ficou retrato algum, razão pela qual não será dado aos nossos leitores contemplar os seus traços phisionomicos.

Como succede com todos os nossos grandes homens, tem sido muito esquecido, mas Fernão Mendes Pinto que honrou a Patria como os que mais a honraram, e do qual deve orgulhar-se a terra que o viu nascer, foi mais infeliz ainda que outros, porque chegou a ser ridiculisado.

Uma ou outra vez lhe tem sido feita justiça e d'um facto nos recordamos que muita honra quem o praticou. Ahi por 1895 o governador de Macau telegraphou ao ministro da marinha de então, Ferreira d'Almeida, dizendo que por indicação do Leal Senado lhe pedia auctorização para dar o seu nome a uma avenida nova d'aquella cidade. O ministro agradeceu, mas recusou, dizendo que tomava todavia a liberdade de lembrar para a referida avenida o nome do grande portuguez que se chamou Fernão Mendes Pinto, e que do Extremo Oriente fez theatro das suas extraordinarias façanhas, o que representaria, accrescentou o ministro, um justo preito de homenagem e reconhecimento.

SIMPATIA

Simpatia — é o sentimento
Que nasce num só momento
Sincero no coração;
São dois olhares acesos
Bem juntos, unidos, presos
Numa magica atracção.

CASIMIRO DE ABREU.

A cultura dos melões

Um dos melhores productos da horta é sem duvida o melão, saborosissimo fructo cuja cultura é no nosso paiz feita ao ar livre. Requer uma terra leve e substancial; os terrenos novos são os que dão melhores resultados. A época mais propria para a sementeira é a que decorre de abril a junho, podendo-se prolongar até julho, em determinadas regiões, devendo conservar-se as pevides em vinagre durante algumas horas antes da sementeira para acelerar a germinação. Em cada cova lançam-se cinco ou seis sementes.

Sendo possivel a terra escolhida para a sementeira deve estar exposta ao sul, porque o melão é tanto melhor quanto mais elevada fór a temperatura na época da maturação. No terreno escolhido abrem-se vallas de meio metro de profundidade que se encham de estrume de cavallo bem curtido, lançando-se por cima uma camada bem calcada de boa terra. As covas para receber as



O eclipse do sol — Em Ovar — As alumnas do Lyceu de Aveiro observando o phenomeno

(Phot. de * * *)

sementes devem ficar á distancia de 1,20 metro, umas das outras, e as vallas á distancia de 1 metro.

As regas devem ser moderadas. Para se obter bons melões deve-se regar poucas vezes, mas abundantemente. Está claro que as regas frequentes fazem desenvolver muito os fructos, mas sáhem com um sabor muito pouco apreciavel. Em geral, para o melão vir com um sabor agradável deve a planta ser regada uma

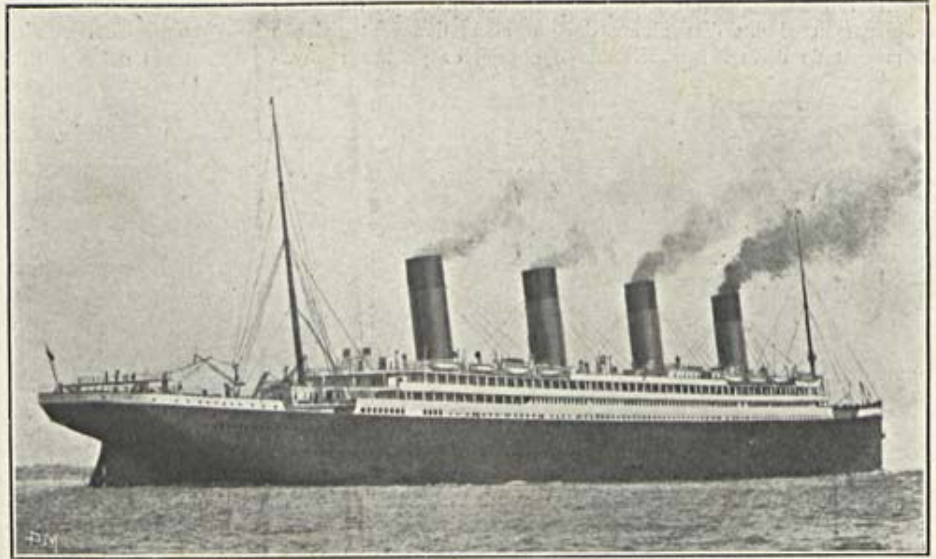
A CATASTROPHE DO "TITANIC"



O capitão do «Titanic»

O espantoso desastre de que foi victima, logo na sua primeira viagem, o colossal transatlantico «Titanic» enlutou quasi todas as nações e produziu em toda a parte uma forte impressão de pavor.

O «Titanic» media 268 metros de comprimento, 28 de largura e 53 de altura e podia levar a bordo 3:150 pessoas. Uma verdadeira cidade fluctuante!



O paquete «Titanic»

As suas intallações eram tudo quanto se pôde imaginar de mais luxuoso e vasto, bastando dizer que uma das suas salas de jantar comportava 500 passageiros.

Na catastrophe morreram afogadas mais de 1:000 pessoas.



Uma cabine de 1.ª classe do paquete «Titanic»

ou duas vezes, o maximo, durante todo o periodo da sua vegetação. Uma outra operação importante para apurar o sabor dos melões, mas que no nosso paiz poucos praticam, é a capação do meloal. Quando a planta tem tres ou quatro folhas, corta-se com o dedo pollegar e o index o caule principal acima das duas primeiras folhas, não comprehendendo as cotyledonares, evitando ferir os olhos que começam a formar-se na axilla. Estes olhos desenvolvem-se então vigorosamente e dão origem a dois ramos oppostos.

Estes devem ser igualmente capados mais tarde, acima da terceira ou quarta folha, supprimindo os olhos das cotyledonares. De cada uma das folhas que ficaram, desenvolvem-se novos ramos que por sua vez são capados acima da terceira folha, não importando que com essa operação se supprimam algumas flôres. E' nos ramos provenientes d'esta terceira capação que se desenvolvem os melhores e mais saborosos fructos. Esses ramos devem dispôr-se no terreno de modo que se não entrelacem.

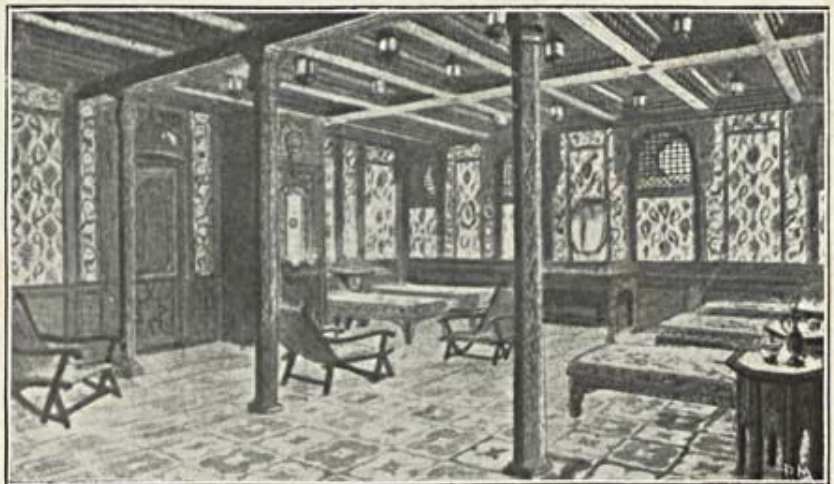
Mais tarde é preciso fazer uma quarta capação, mas só acima da quarta folha acima do fructo, devendo cortar-se então todos os ramos infru-

ctiferos e os demasiadamente compridos. No primeiro periodo do desenvolvimento do fructo é conveniente fazer-lhe um bocado de sombra com as folhas da propria planta.

Observando-se á risca estas prescripções pôde-se ter a certeza de vir a colher magnificos melões.

O nosso globo, diz Flamarion, não possui ainda uma superficie absolutamente estavel. Não se passa um dia sem que haja em qualquer ponto do globo um abalo de terra.

Só em França, a média é de uma duzia por anno. As regiões mais estaveis são as do norte, as dos terrenos que conservaram a sua horizontalidade. Paris, por exemplo, é um dos pontos mais fixos, pois se acha construida sobre um leito de greda de 500 metros de espessura.



Os banhos turcos a bordo do «Titanic»



POR UM OCULO...

(Críticas, Blagues & Phantasias)

QUADROS SOLTOS

III

«A situação interna que os jornaes monarchicos se divertem a descrever como intoleravel, e, ao contrario, a desejada por todo o povo portuguez, isto é optima a todos os respeito.»

(D'uma entrevista que o sr. Eusebio Leão, ministro de Portugal em Italia, teve com um jornalista, em Roma.)

A noite tinha cahido; e na mansarda do Manuel Vicente, a frouxa luz d'um candieiro de petroleo illuminava mal o quarto acanhado onde, sobre a enxerga, a um canto, choramingavam tres creanças macilentas, tremelicando com frio.

— Então? — perguntou anciosa a mulher, logo que o Manuel Vicente entrou.

— Nada.

— Nada?! Foste ao sr. Gonçalves?

— Fui. Parou com as obras.

— E o teu antigo patrão da Graça? Foste lá?

— Fui. Tinha-se ido embora para o estrangeiro, a semana passada, por causa d'umas ameaças. Elle era thalassa... e por isso...

— E o sr. Visconde! Porque não procuras esse? Já uma vez te serviu... Elle tem sempre que dar a fazer lá na quinta...

— Está preso. Denunciaram-n'o como conspirador.

A mulher do Manuel Vicente, encostando a face magra e envelhecida á mão descarnada, ficou a scismar, olhando vagamente com os seus olhos negros a brilharem muito, em redor do quarto.

— Olha, Maria — disse o Vicente quebrando o silencio — Porque não vaes ter a casa da menina Luiza. Ella é tão tua amiga, foste tu que a ajudaste a crear, e, bem sabes, que nunca se esquece de nós. Vae lá, Maria, ao menos sempre nos dará qualquer coisa para ir empatando...

— Já lá fui. Estive lá esta manhã. Tinham-se ido embora antehontem por que o pae andava sempre a receber cartas ameaçando-o por elle ser amigo do prior. Contou-me o porteiro.

Olharam-se tristemente. A luz do candieiro era mais frouxa, e sobre a enxerga os pequenitos choramingavam, com as carnitas nuas, a tiritarem.

— Tens alguma coisa para a ceia, Maria?

— O resto da posta de bacalhau d'hontem. Guardei-t'a para ti.

— E os pequenos?

— Tenho ali ainda uma bucha para os entreter. Para amanhã, é que não sei como ha-de ser...

— Olha, leva o meu casaco preto ao Simões. Talvez ainda empreste uns dois ou tres tostões por elle.

A mulher levantou-se, e foi buscar o casaco preto ao fundo d'uma arca velha.

— Lembras-te, Vicente? Estreaste-o vae fazer tres annos, pelo baptisado da nossa Julieta. Andavas tu então nas obras do sr. Jorge, e eu consegui juntar, do teu salario, para o teu fato preto e para os meus brincos.

— Bem sei. Foi tambem quando eu comprei a corrente... que lá está no Simões, vae já fazer seis mezes.

O Vicente foi buscar um jornal. Estendeu-o sobre a mesa para embrulhar o casaco. E enquanto a mulher acalentava os filhos, elle, parou a lêr uma noticia que lhe saltou á vista como uma ferroada. E a meia voz repetiu soletando:

«A situação interna que os jornaes monarchicos se divertem a descrever como intoleravel, e, ao contrario, a desejada por todo o povo portuguez, isto é, optima a todos os respeito.»

Um sorriso — um triste sorriso — passou-lhe pelo rosto; e entregando o embrulho á mulher, encostou a fronte á mão calosa, olhando tristemente os filhos que na enxerga rota do canto, chupavam uma bucha dura, com as carnitas amarellecidas ao léo.

No fundo d'uma cella, sobre o lagedo humido e infecto, um corpo jazia com as mãos cruzadas sobre as costas, que as algemas de ferro trilhavam.

Pela fresta, um raio de luz longiquo passava pallido e amortecido, dando uma nesga de claridade báça que mal permittia distinguir a forma das coisas.

No rosto do desgraçado, cavavam-se fundo os vincos do soffrimento, e pelos rasgões da camisa, a carne vergastada, aparecia aos laivos vermelhos. A atmospheria era nauseante.

Como n'um sonho, a vida cá de fora, perpassava ali na mente d'aquelle corpo torturado e faminto, que o carcere roubára á luz do sol, ás caricias e aos afagos dos entes que estremecia.

Para alem d'aquellas grades havia claridade e havia ar; e os sons confusos d'uma marcha alegre que o foguetorio acompanhava estalejando forte, chegavam lá como uma mordança hypocrita aos gemidos de dôr.

Junto da porta chapeada, tilintaram chaves; e o ferrolho correu.

— Toma, cão... Ahi tens essa camisa lavada. E' um luxo demasiado, mas vá lá. Elles ainda se hão-de arrepender de tanta bondade... Cacete nos costados é que é preciso...! E com uma gargalhada cinica, a fera humana, atirou para a cella imunda um jornal embrulhando a camisa.

Um raio de sol mais vivo illuminou a fresta. E os olhos do desgraçado, muito abertos, fitando o embrulho, leram:

«A situação interna que os jornaes monarchicos se divertem a descrever como intoleravel, e, ao contrario, a desejada por todo o povo portuguez, isto é, optima a todos os respeito.»

N'um movimento brusco as algemas trilharam mais fundo os pulsos; e duas lagrimas de dôr rolaram pelo rosto macilento do prisioneiro politico.

Um estrondo enorme atrou os ares. E pelas ruas a multidão espavorida olhava os destroços do predio devastado, que a dynamite fizera voar, atirando para a morte, mulheres, homens e creanças — enlutando duzias de familias, levando a inumeros lares o desespero e a fome, enraizando n'um paiz inteiro a intranquillidade constante!

... A uma esquina de Miragaia, no Porto, uma mulherzinha de lenço negro ouviu estar a lêr com enthusiasmo. Aproximou-se; e distinguiu então na voz forte d'um latagão:

«A situação interna que os jornaes monarchicos se divertem a descrever como intoleravel, e, ao contrario, a desejada por todo o povo portuguez, isto é, optima a todos os respeito.»

Quando terminou a leitura, a mulherzinha do lenço negro continuou, tristemente, o caminho para o cemiterio do Repouso, onde ia depôr umas flores na campa do filho que perdera em Miragaia.

A pobre velhinha encostada á vidraça esperava a chegada dos jornaes, anciosa por noticias.

— O que terão feito d'elle, meu Deus? Está preso. Mas onde? Ao menos porque m'o não dizem? Com uma saudade immensa, beijou uma medalhinha que trazia ao peito com um retrato; e, divagando os seus olhos cheios de lagrimas pela sala triste onde outrora tantas horas de felicidade tivera, deixou-se cabir n'uma cadeira, soluçando, com o coração retalhado pelo soffrimento.

Os jornaes chegaram; e com soffriguidão percorre-os, procurando noticias do filho querido.

Mas nada ali vinha ainda. E a pobre velhinha só encontrou n'aquellas columnas, como um riso de escarneo á sua dôr, estas linhas que decorou, tremendo:

Reunião hippica no parque de Palhavã



A assistência

«A situação interna que os jornaes monarchicos se divertem a descrever como intoleravel, é, ao contrario, a desejada por todo o povo portuguez, isto é, optima a todos os respeito.»

Dos seus olhos, duas lagrimas de infinita amargura, cahiram como brazas, sobre as linhas negras do jornal.

Lisboa, 1 de maio.

CRISPIM.

LIVROS

Memorias de um gallego

Cã estamos a penitenciar-nos, apesar de não ser nossa a culpa. A culpa da demora em registar nas columnas do *Brasil-Portugal* os nomes de livros e de quem os firma, que já avultam sobre a nossa mesa de trabalho, é dos acontecimentos que desfilam, e que enchem pela reprodução photographica estas paginas, tendo até sido preteridos alguns d'entre tantos, pelo para nós mais importante de todos, aquelle que para sempre nos privou do amigo, do conselheiro, do camarada de quatorze annos.

Por isso, só agora nos é dado agradecer a Eduardo de Noronha a offerta do seu ultimo livro.

Accusamo-lo tarde, o que não quer dizer que o não lêssemos de um fôlego. São 362 paginas de leitura desopilante, pelas quaes o auctor, a pretexto das memorias de um gallego, dá expansão a um fino humorismo e a um espirito analytic, que prendem a attenção, alegram e encantam. Ha de tudo nessas paginas: quadros da vida lisboeta, theorias macabras, imaginação fertil, typos populares, romancescas aventuras, anedotas picarescas e linguagem bem portugueza.

Leia as *Memorias de um gallego*, que os srs. Magalhães & Moniz, do Porto, apresentam numa bonita edição, quem precise abrigar-se em qualquer refugio espirital, onde não chegue o écho ou a sombra do que vae cá por fóra, de tudo o que a toda a hora provoca nauseas,

irrita consciencias e entristece o espirito. E' um livro sadio, é um livro que tonifica e desopila. A Noronha o agradece, alem de tudo, porque nos deu excellentes momentos de... treguas.

Tauromachia alegre

Num rasgo de modestia que lhe fica a matar, diz Guedes de Oliveira no prefacio d'este livro, que resistiu sete annos a dar-lhe publicidade, fazendo do que deve ser um livro conceito mais elevado do que este lhe merece.

E como nós, depois de lermos essas interessantes paginas sômos de opinião diametralmente opposta, é essa que vimos aqui registar, convencidos de que elle prestou ás letras um bom serviço.

Tão fartos estamos de estylo campanudo, pretencioso quando não é recóco, estylo de theses, enunciando problemas graves, debatendo theorias solemnes, que, mal o topamos no nosso caminho, fugimos d'elle como o diabo da cruz.

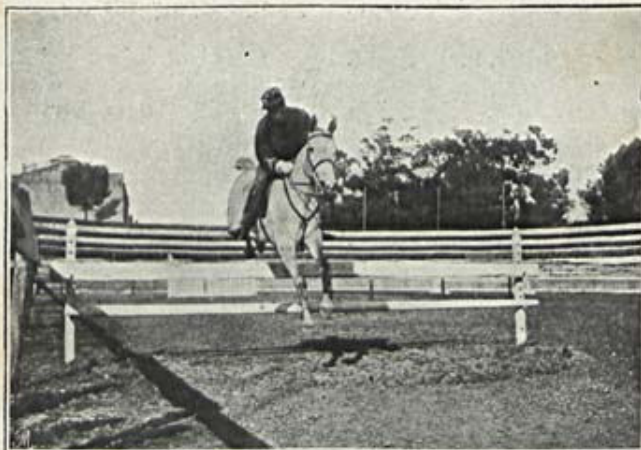
Ora é antipoda d'esse estylo, senhoril e... massudo, o de Guedes de Oliveira. Sem nunca deixar de falar portuguez, dá ás coisas o seu nome, e num bom humor constante e suggestivo, numa fórma que alguns vernaculos de chinó podem uma ou outra vez chamar patusca ou, se querem antes, pittoresca, diz o que vê, conta o que observa, observando e vendo sempre justo, e repassando de muita graça, de muito espirito, as observações que faz sobre tudo aquillo em



Reunião hippica no parque de Palhavã—Outro aspecto da assistência

que se exerce a sua analyse. Trata d'esta vez de touros, collige impressões escriptas e dispersas, e o que a sua narrativa perde em actualidade ganha no interesse que desperta, pelas recordações que suggere, pela originalidade no dizer, pelo nucleo de observações diversas, algumas profundas, outras ligeiras, hilariantes a maior parte, e todas ellas marcando uma individualidade litteraria.

Tal foi a impressão que nos deixou a nós a *Tauromachia Alegre*, que em algumas centenas de paginas, sahidas da livraria Lello & Irmão, do Porto, e adornadas com magnificos desenhos de Manoel Monterroso, nos quiz parecer que era a continuação das excellentes e espirituosas cavaqueiras de Guedes de Oliveira — o inolvidavel camarada dos Congressos de Imprensa, por essa Europa fóra.



Reunião hippica no parque de Palhavã
Pereira Coutinho na «Severa»

(Phot. * * *)

Papoulas

Com uma nova produção poetica veio a sr.^a D. Luthgarda de Caires, dar realce ao seu bello nome litterario.

E' uma edição elegante, sahida das officinas da *Editora*, e afor-moseada na capa com duas papoulas vermelhas e duas espigas de



Reunião hippica no parque de Palhavã
Jayme Alto Mearim no cavallo «Farniello»

(Phot. . . .)

trigo, que logo nos dão a impressão pantheistica do campo. São 130 paginas de poesia sã, despretenciosa, canções ora alegres ora melancolicas, traduzindo umas o *estado d'alma* de quem só na natureza encontra a confidente dos intimos anseios, outras abrindo-se em risos festivos e alacres phantasias.

São dos mais encantadores das *Papoulas*, os versos que a seguir publicamos:

BEIJOS DO SOL

(A D. Branca de Gonta Colaço)

A' papoula que alegre vivia,
um trigal lhe dizia enlevado:
— Tu não sabes o que eu quereria?
era ter-te p'ra sempre a meu lado. —

Para o trigo a papoula inclinada,
escutando essas falas, a flor
era f'liz ao sentir-se embalada
nesse doce perfume de amor.

— Como és linda! — murmura fremente
o trigal, — e a papoula beijou: —
tu não vês este campo florente,
que o calor dos teus beijos doirou? —

— Não sou eu que este campo assim doira —
respondeu a papoula — o fulgor,
quem lh'o deu e á seara tão loira,
foi o sol com seus beijos de amor!

«Foram beijos do sol que fecunda
o torrão que nos vira nascer,
são seus beijos que á flor moribunda
noutras flores a faz reviver.

Foi um beijo do sol, quando passa,
que me deu o que a ti te encantou,
foi o sol que em seus raios enlaça
toda a terra que a nós nos creou.»

— Aqui estou a teus pés de joelhos, —
diz-lhe o trigo em zelosa expansão;
— dá-me já, com teus labios vermelhos,
esses beijos de amor e paixão. —

— Dou-t'os, sim, e não creias te deixe,
que os meus beijos são teus, todos teus!
só contigo eu irei nalgum feixe,
só contigo, meu bem... ai! meu Deus! —

Foi colhida!... coitada! E o mesquinho
do trigal lá ficou todo aos ais!
pois julgou que ficava sozinho,
mas... ai d'ella! ficaram lá mais...

Tanto assim, que o trigal consolou-se
d'essa perda que o fez padecer,
porque emfim... fosse lá como fosse,
o que é certo é que a pôde esquecer.

E a papoula lá foi na mãozinha
da creança, cruel, que a colheu!
Ella sim! era flor, coitadinha!
ella sim, é que nunca esqueceu!

Pregadinha no duro papel
de um barquinho lançado no rio,
era vê-la no frágil batel
a tremerem as folhas de frio!

E a papoula, vogando, vogando,
folha aqui, folha ali já deixava...
iam beijos no ar tremulando,
nas folhinhas que o vento levava.

A creança, ao tomá-las sorrindo,
reenvia-as num sopro p'ra o mar;
e as folhinhas, de novo partindo,
não tornavam então a voltar...

São os beijos assim como as flores,
muito alegres no seu arrebol.
Mas, se passam os mares das dores,
nunca mais trazem raios de sol!...

Agradecemos-lhe o elegante volume e a gentil dedicatória.



Que linda!

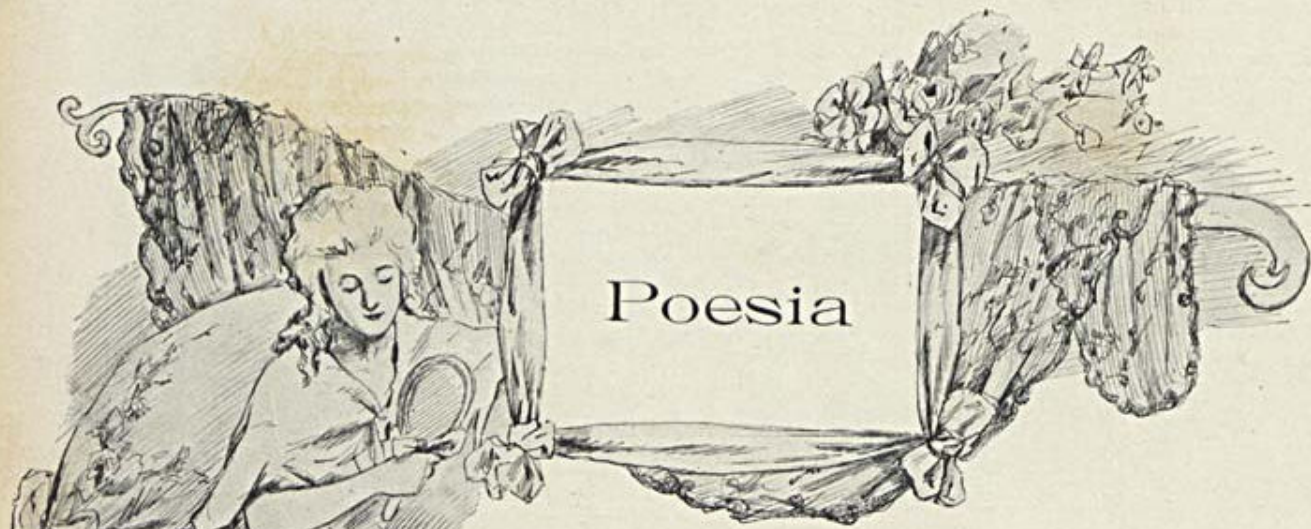
A ANNA PEREIRA

Vi as fulgurações do genio em toda a parte,
Vi a Bartet, a Emilia, a Duse, a Sarah, a Tina,
Vi todos cuja fama o Universo apregôa;
Deslumbraram-me o olhar as creações da Arte.
Pois bem. Nem uma só me apaga da retina
O travêso, o genial *gaiato de Lisboa*.

Lisboa, abril 1912.

(Do numero unico de Homenagem a Anna Pereira).

JAYME VICTOR.



Poesia

Não... Creio!

Eu por mim, afinal, é que *não creio*
No amor tão decantado.
E nunca tive o mínimo receio
De um dia ficar preso nesse enleio
E ser um desgraçado!

Isto, senhora minha, o que digo agora,
Não é por experiencia.
É muita gente que m'o diz, senhora,
E que afirma contar hora por hora
As maguas da existencia.

Sei muito bem que vós amaes tambem,
— Nem tal vos é vedado —
Mas ai, senhora minha, mal de quem
Neste mar de miseria a illusão tem
Do amor tão decantado!

E o rapaz que a voss'alma tanto adora
Com tão estranho ardor,
É bello na apparencia, muito embora,
Mas não tem coração, minha senhora,
Pró decantado amor.

Eu muitas vezes ponho-me a scismar
— Por *méra phantasia* —
Como seria um caso singular
Se por *descortura* eu vos viesse a amar
Um dia.

Pois sendo vós do meu conhecimento
Me destes o motivo
De só p'ra vós fugir meu pensamento,
De momento a momento
Mais intenso e mais vivo.

Amôr não é! De ha muito bem eu sei
Que não!
Que tudo quanto sonho e o que sonhei,
É lei,
Talvez do... coração!

E embora veja em sonho, esplendorosa,
Vossa imagem brilhante
Numa nevoa longinqua e luminosa,
Perpassando entre nuvens d'ouro e rosa
Pelo infinito adeante,

Não me inspira isso amor, não! Porque em *summa*
Eu tenho coração que lhe resista.
As tentações—combato-as uma a uma
E não creio que o amor, de forma alguma,
Exista!

Entanto, ha dentro em mim tal phantasia
Que em tudo a imagem vossa se revela.
E até uma noite eu julguei que via
Alguem que me sorria
De dentro d'uma estrella.

Em tudo o que me cerca ha a transição
Das coisas para vós! Esse mysterio,
Vem da indomita lei duma attracção
Que prende coração a coração
Num branco sonho ethereo.

Por isso, onde eu estou, vós sempre estaes.
Estaes, porque eu vos vejo assim dess'arte.
Mas tal visão, senhora, é já demais...
Se eu não vos amo e a mim vós não amaes,
Porque é que me seguís por toda a parte?

Eu não vos tenho amor, senhora! E então,
Porque assim me enleiaes nesse tormento
De ver eternamente essa visão,
Tentando dominar-me o coração,
E tambem agrilhoar-me o pensamento!...

(Larga pausa. Depois, cedendo á violencia indomita do verdadeiro sentimento, continua, enternecido, como numa queixa amarga—uma confissão indecisa e lenta.)

Eis ahi porque a minh'alma anda sombria,
E em soturnas tristezas embebida.
Ha quantos dias não lhe rompe o dia...
... Que anda a sombra d'atroz melancolia
A escurecer-lhe a vida.

Se vivo n'este abysmo de *indifferença*
Sois vós, senhora, a causa principal!
Se *não creio no amor*, essa descrença
De vós proveio, qual de seára immensa,
Que gera a duvida e dá seiva ao mal.

O que admira, senhora, é como eu vivo
Entre tantos tormentos infernaes...
... Um grande mal requer grande motivo...
E o meu é—que de ha muito ando captivo
Porque... vos amo—e a mim vós não amaes!—

Bahia, 8/2/012.

JOÃO ABREU,

R. M. de Pinares

O cruzeiro de Leça do Bailio



NUM dos ultimos dias appareceu mutilado o formosissimo cruzeiro gothico de Leça do Bailio, que fica perto do mosteiro e que é, como se sabe, uma das mais bellas joias da architectura religiosa do norte de Portugal. Todos quantos visitavam a igreja, detinham-se na estrada a contemplar, n'um enlevo d'arte, a preciosa maravilha que Frei Joam Coelho, generosamente doára á sua ordem, ofertando-lhe tambem a opulenta pia baptismal, que provoca a admiração dos romeiros do templo. O lindo cruzeiro, esculpido em pedra d'Ançã, de um lavor verdadeiramente magistral, quasi uma filigrama pela delicadeza com que se encontra trabalhado, resistiu durante seculos ás inclemencias do tempo, e a uma irreverencia ignorante acaba de ser sacrificada a sua graciosa belleza.

Sabemos que o Conselho d'Arte vae reunir para resolver sobre a fórma de defender essa maravilha ou de restaural-a, se porventura ainda fór possivel.

Como se trata de um attentado de lesa-arte, entendemos que se vae tornando necessario esclarecer os que desconhecem o valor educativo d'estes monumentos do passado, para que os respeitem e os poupem ás suas arremettidas ignaras. O cruzeiro de Leça do Bailio não é apenas um symbolo respeitavel de crença: é tambem, uma obra d'arte preciosa, e, sob esse ponto de vista, até os mais indifferentes em materia de fé tem o dever de a estimar pelo muito que vale.

O grande archeologo, que foi o dr. Sousa Viterbo, que tinha pelos cruzeiros do paiz uma veneração consciente, classificou o de Leça do Bailio entre os exemplares mais formosos de quantos existem em Portugal.

MANHA DE MULHER

LUIZA, impaciente, batia com o pé na grade do fogão e olhava de quando em quando para o relógio que se destacava na parede fronteira. Parecia-lhe inqualificavel o procedimento de Fernando d'Aguiar. Havia perto d'um mez que as suas visitas se espaçavam e que o empenho de a vér constantemente dera logar a nunca ter pressa de chegar a sua casa, mesmo quando annunciava visita.

— Isto é symptomatico, pensava ella. Perdeu as esperanças de me conquistar, está convencido de que o aborrêço e fartou-se d'um amor platónico que se não pôde apregoar. Mas eu o ensinarei!

Dizendo isto torcia e retorcia nervosamente nas mãos o lenço de rendas, sem dó pela sua antiguidade e belleza.

O relógio deu nove horas.

Ergueu-se febril. Não podia mais. Foi ao telefóne:

— Está?... Bem... Ligue para o n.º 234... Está lá?

— Sim, minha senhora.

— De onde fala?

— De casa do senhor Sande.

— Diga-lhe que chegue aí.

— Sim, minha senhora.

Pouco depois Luiza ouvia um sonoro: «A's ordens de V. Ex.ª».

— O' Sande, tenho um favôr a pedir-lhe, mas bem sabe que detesto as conversas pelo telefone. Por isso venha cá. Preciso falar-lhe sem demora... Dou-lhe dez minutos para o caminho.

— Assusta-me... E' alguma cousa de cuidado?

— De cuidado, não, mas muito urgente.

— Não pôde guardar isso para amanhã?

— Nem para d'aqui a meia hora.

— N'esse caso vou já.

Luiza correu ao seu quarto, vestiu um longo e elegante roupão, soltou os cabelos, pediu á creada o seu frasco de saes, e mandou preparar compressas de agua de Colonia e pôr na sala todas as flôres que estavam na casa de jantar.

As ordens precipitaram-se com uma tal rapidez que a creada não tinha mãos a medir. Depois instalou-se na poltrona mais comoda, mandou lançar uma manta sobre os joelhos, e poz uma compressa de agua de Colonia sobre a fonte esquerda, seguindo-a com a mão.

— Olhe, Eulalia, deixe-me vér o espelho pequeno de cima do tocador.

A creada obedeceu disfarçando um sorriso.

Luiza contemplou-se longamente e ficou satisfeita. Estava uma doente tentadora. Depois, voltando-se para a creada, disse-lhe n'um tom dolorido:

— Só recebo o senhor Sande e o senhor Fernando d'Aguiar. Senhoras só no caso de chegarem ao mesmo tempo que eles: falam muito, falam demais, fazem uma bulha horrivel e a minha pobre cabeça não as pôde suportar.

— Sim, minha senhora.

Eulalia saiu da sala. Quem soubesse compreender a maliciosa expressão do seu rosto veria que ella correspondia, com farta copia de comentarios, ao seguinte pensamento: «Seria melhor não receber ninguem». Instantes depois entrou Sande, e tão apressado que nem deixou á porta a bengala e o chapéu.

— Que tem? De que se trata?

— Estou doente, doutor, mas não o chamei como medico.

— Então?

— Foi como amigo.

— Diga.

— Está muito apressado.

— E' que tenho onde ir.

— Algum doente?

— Não.

— N'esse caso perca as esperanças de sair d'aqui antes que chegue alguém que o substitua.

— Mas...

— Mandei-o chamar para conversar comsigo. Estou doente, mas não quero medicos; pretendo sómente distrair-me porque a distração faz-me bem.

— Chamou-me então como divertimento?

— Exatamente, sem tirar nem pôr. Além d'isso tenho outro motivo. O Fernando d'Aguiar quer por força que eu tome parte no concerto, e eu desejo eximir-me sem o escandalisar. Por isso você, fingindo ignorar que se trata d'esta festa, vae recomendar-me diante d'ele os maiores cuidados com a minha pessoa e sobre tudo que não saia nem apanhe ar.

— Mas...

— Não quero dar-lhe outra desculpa. Sou-lhe obrigada... E' preciso que se convença de que não é por querer, mas sim por não poder.

— Seja. D'aí não vem mal para ninguem.

— Não. Vem até muito bem para mim. Livra-me d'uma imensa estopada.

— Que estava lendo?

— Quando entrou, nada.

— Como vi aí o livro aberto... pensei.

— Foi esquecimento.

E, com um gesto natural, fechou o livro de modo a mostrar-lhe o título.

Sande leu: *Roberto Brano—Teatro—Maternità—Il frutto acerbo.*

— Ah! Este volume contém duas obras?

Cumprimentou e saiu.

Luiza não se esquecera de molhar de quando em quando a compressa, e de dar na sua atitude visíveis indícios de encomodo. Fernando acreditou na doença.

— Talvez seja prudente deitar-se... Eu retiro-me...

THEATROS

COLYSEU DOS RECREIOS — Companhia de opera lyrica italiana



Eida Cavaliere

Angela de Angelis

— Contém; mas a primeira é muito superior á segunda.

E contou-lhe sucintamente o primoroso enredo d'essa obra encantadóra.

— E acredita que o amor materno possa levar a tanto? perguntou o medico n'um tom de descrença doentia.

— Porque não? Não é ele maior que todos os outros?

— Nos romances não digo, mas na vida real... hum... hum...

Posta a conversa n'este ponto, não foi difficil a Luiza fazê-la recair naturalmente sobre assuntos do coração. Sentindo passos na sala proxima, sorriu, e disse n'um tom lento e maguado:

— O amor está longe de ser o que o doutor afirma. O amor é...

Susteve a definição vendo á porta a figura esbelta de Fernando, com o olhar turvo e um sorriso forçado, denunciador de uma forte comoção contida. Voltando-se para ele estendeu-lhe a mão, dizendo:

— Vem a tempo. Diga-nos que cousa é amor?

— O amor? O mais frivolo de todos os passatempos.

— Já estou arrependida de lhe ter feito a pergunta. Como está?

E apresentando-os ajuntou:

— O senhor doutor Sande... o meu antigo e péssimo amigo Fernando d'Aguiar...

— Péssimo?!...

— Péssimo, sim, visto que não cumpre os deveres de amizade.

Trocaram-se banaes cumprimentos e, depois d'um quarto de hora de conversa, o medico fez as suas despedidas:

— Sobre tudo seja cuidadosa; não se fatigue nem sáia. Recomendando-lhe isto muito porque as recaídas são sempre mais graves.

— Quando volta a vêr-me?

— Não sei. Amanhã vou fóra de Lisboa, mas se precisar de qualquer cousa... um recado ao meu substituto.

— Não, não. Tenho saudades das nossas longas palestras. Conversémos.

Falaram sobre todos os assuntos, mas a preocupação de Fernando era visível. Por fim perguntou:



Companhia de opera lyrica italiana
O tenor Paganelli

— Não sei se vim interromper desastradamente algum interessante colloquio.

Sentia que era indiscreto, inconveniente, que ia contra todos os preceitos da mais elementar delicadeza a continuar os seus repáros:

— O assunto era tão cativante!...

— Têmo-l'o tratado tanta vez nós dois que me parece ser o Fernando a pessoa que melhor pôde afirmar que essas discussões não teem graves consequências.

— Graves não, mas...

— Mas o que?

— Pelo menos a mim nunca me deixaram indiferente.

— Bem se vê. Deve ser esse o motivo porque o vejo cada vez menos.

— Precisamente. Convenci-me de que alguém chegára primeiro do que eu.

— Isso era difícil.

— Difícil?

— Sim:

Não se encontra duas vezes,
No longo curso da vida,
Coração que iguale o nosso
Em sentimento e medida.

— Isso é verdade. Comtudo, quantos julgam encontrar o que lhes é destinado e...

— Mas, pelo que estou vendo, fazemos hoje mais progressos n'um quarto de hora de conversação do que em annos de conhecimento... De quem é a culpa, Fernando?

— Creio... que é do doutor. Permite-me que lhe fale no mesmo assunto em que ele lhe falava quando entrei?

— Com uma condição.

— Qual?

— Ser o mais conciso possível.

— Amo-a! Creio que não pôde haver mais concisão.

— E não.

— Que me diz?

— Estou doente, meu caro amigo, e esta confissão inesperada deixa-me perplexa... Não sei... não sei que lhe responda.

— A maternidade é para mim o grande, o principal interesse do amor. Sem ella e sem um lar não o compreendo.

— E' tambem o meu modo de pensar. Tenho a honra de lhe pedir a sua mão, visto que...

— Eu já não tenho pae nem mãe. Pois bem. Concedo-lh'a... de hoje a um ano.

.....

Quinze meses depois d'esta declaração, Luiza e o marido recordavam com prazer os menores incidentes da sua vida passada

— E afinal, disse elle, risonho, se não fôsse o dr. Sande, os intempestivos ciúmes que a sua presença aqui me causou, fiel ao proposito de celibato que me tinha jurado, talvez nunca ousasse falar-te de amor.

— Pois bem. O doutor andou em tudo isto como Pilatos no Credo. Desesperada pelo teu desleixo quiz avisar a tua sympathia mostrando-te que outros procuravam quem tu desdenhavas.

Contou-lhe a doença simulada, o concerto que lhe servira de pretexto para levar o medico a desempenhar inconscientemente o papel que lhe distribuira, e riram ambos com gosto da invenção. Mas que singular e misteriosa cousa é

o coração do homem! Fernando não compreendeu o imenso affecto que a conducta de Luiza revelava.

A ingenua confissão da mulher irritou-o, exasperou-o, e de si para si pensou:

— Ella armou-me a ratoeira do casamento, e eu caí como qualquer parvo.

Desde esse dia Luiza perdeu para elle todo o encanto.

— Mas porquê, meu Deus, porquê? Que fiz eu para merecer esta indiferença, dizia chorando a pobre senhora.

Coitada! Ignorava que a vaidade no homem é superior a to-



Companhia de opera lyrica italiana

Beatrice Costa Marugat



Companhia de opera lyrica italiana

O barytono Eurico Moreo



Companhia de opera lyrica italiana

O tenor Cesar Vercher

— Quer deixar-me na duvida?

— Não. Odeio expectativas.

— Não compreendo o amor senão...

— Senão...??

— Como lhe heide eu dizer?...

E, abrindo e fechando o livro que estava junto d'ella, disse-lhe baixando os olhos e córando:

dos os outros sentimentos e que, quando ferido n'ella pelo ser amado, o odio ou a indiferença substituem immediatamente o amor. Do primeiro d'estes sentimentos ainda se volta: do segundo nunca.

Mas... Luiza em breve seria mãe.

CHRYSANTHEMOS

É uma das flôres que hoje estão mais na moda, o chrysanthemo grande, de enorme desenvolvimento e florões consideravelmente alongados, importado do Japão, assim como d'ali importamos a arte nova e os Kimonos. O imperio do Sol nascente está na moda desde que deu mostras da sua força, o

Estas especies indigenas são, todavia, justiça é reconhecê-lo, muito inferiores em belleza, tamanho, fôrma e variedade do colorido, ás especies japonezas de que existe um sem numero de variedades. Hoje encontram-se de todos os matizes, desde o branco puro e o amarello muito vivo até ao castanho e purpura negra. Existem mesmo variedades de folhagem variegada, algumas, por exemplo, com folhas d'um verde glauco variegadas de amarello; estas variedades são muito cultivadas para bordaduras ou para obter bonitos effeitos por contraste. Uma das mais bellas variedades japonezas é sem dúvida a conhecida por *La Corée*. E' uma flôr enorme attingindo 32 centímetros de diametro, d'uma côr carmin violeta ou amaranto, com o reverso das petalas sombreado de branco creme. Vista de face, as petalas superiores, de um tamanho em proporção do diametro da flôr, apresentam-se dobradas pelo meio, inclinándose graciosamente para o centro da flôr e as petalas inferiores, muito compridas, pendem para o caule, d'uma fôrma original e encantadora.

THEATRO DA TRINDADE—O principe de Pilsen



Final do 3.º acto

que prova que, para merecer consideração e respeito á humanidade, ainda é qualidade essencial ter força.

Nós já tinhamos o chrysanthemo e pouco caso se fazia d'elle, porque não era japonez. Mesmo hoje, quando se fala n'essa flôr, deve entender-se a referencia á importada do Extremo Oriente. Não ha duvida que é esta uma flôr maior, mais bella e mais imponente que as variedades indigenas, mas estas tambem não são feias. O chamado chrysanthemo dos jardins, Malmequer, Pampilho, é uma linda planta com caule robusto que pôde attingir 1^m,20 de altura e uma bonita flôr, de petalas de côr amarella carregada, em torno d'um disco chato amarello esverdeado. Muito rustica, cresce quasi sem cuidados e dá-se bem em todos os terrenos e exposições e até nos jardins á beira-mar e nas dunas. E' uma planta muito florifera e produz magnifico effeito nas guarnições dos maccissos e canteiros dos grandes jardins.



Theatro da Republica
Andrea Mery

As variedades singelas multiplicam-se por sementeira feita na primavera; as de flôres dobradas propagam-se por estacas feitas no outomno e na primavera.

O chrysanthemo lacustre é, como o precedente, uma especie indigena de bello aspecto. Planta vivaz, caule robusto, anguloso, elevando-se de 50 a 70 centímetros de altura, folhas ovaes lanceoladas d'um verde claro e irregularmente denteadas. A flôr é grande, composta d'uma só ordem de folhas d'um branco puro, em torno d'um

disco amarello e depois purpurino. E' uma magnifica planta ornamental, de bello effeito nos canteiros dos jardins. Precisa de terrenos profundos, um pouco substanciaes, em sitios frescos. Multiplica-se por sementeira ou divisão dos pés na primavera.

nosso. Todavia prosperam melhor em terras estrumadas com adubos muito decompostos.

Os Chrysanthemos reproduzem-se por estacas que se enterram, espaçando-as de 40 a 50 centímetros, em todos os sentidos, e que pegam muito bem. Quinze dias depois da plantação espontam-se as extremidades das estacas para as obrigar a ramificar, a primeira vez em maio, a segunda em junho, a terceira em meados de julho. A póda depois d'esta epoca pôde praticar-se com o fim de retardar a floração e obter flôres em pleno inverno. Terminada a floração rebaixam-se os pés mães, cortando-os rentes á terra, e, logo que na primavera seguinte os novos rebentos apresentam 4 ou 5 folhas, faz-se-lhe a primeira póda e depois as outras como fica dito para as estacas.

Os bocados de hastes cortados podem servir como estacas para novas plantações. Estas plantações fazem-se na primavera e podem continuar-se no verão, mas é melhor n'aquella epoca para as plantas estarem já sufficientemente desenvolvidas quando chegarem os frios do inverno.

Os Chrysanthemos podem ser transplantados quasi até ao momento da floração, porque as suas raizes são muito cabelludas, conservando muito bem agarrada a terra da plantação e soifrendo pouco ou quasi nada, com a transplantação.



Theatro da Republica
O actor Le Bargy